Vol. 34, nº 3 (2026)

A INFÂNCIA COMO RESISTÊNCIA SIMBÓLICA NA LITERATURA DE ONDJAKI: LEITURAS, MEMÓRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

***

CHILDHOOD AS SYMBOLIC RESISTANCE IN ONDJAKI'S LITERATURE: READINGS, MEMORY, AND READER FORMATION

Margarete Nogueira[1]

Recebimento do Texto: 15/04/2026
Data de Aceite: 13/05/2026

Resumo: A literatura de Ondjaki articula memória, imaginação e afetividade como formas de resistência simbólica. Em *Os da Minha Rua* (2021), a infância torna-se categoria estética e política, revelando o poder da palavra de preservar memórias e construir identidades. A escrita poética e a oralidade expressam uma Angola coletiva e sensível, em que o gesto de lembrar é também ato educativo e de reexistência. Ancorado na linha de Leitura, Literatura e Ensino, o estudo evidencia a literatura como espaço de formação do leitor crítico e humanizado, onde lembrar é resistir e narrar é reconstruir o humano.

Palavras-chave: Afetividade. Memória. Oralidade. Resistência simbólica.

Abstract: Ondjaki's literature weaves memory, imagination, and affectivity as symbolic forms of resistance. In Os da Minha Rua (2021), childhood emerges as an aesthetic and political category, revealing the power of language to preserve memories and build identities. His poetic writing and oral style portray a collective and sensitive Angola, where remembering becomes both an educational and re-existential act. Grounded in the field of Reading, Literature, and Teaching, this study highlights literature as a space for the formation of a critical and humanized reader, where to remember is to resist, and to narrate is to reconstruct what is human.

Keywords: Affect. Memory. Orality. Symbolic resistance.

1 Introdução

A literatura, enquanto prática estética e espaço de memória, constitui-se como uma das formas mais potentes de resistência cultural. Nas literaturas africanas de língua portuguesa, a palavra escrita surge como instrumento de reconstrução simbólica dos imaginários e das identidades, em diálogo com as marcas da história e as experiências do cotidiano. Nesse cenário, a produção do escritor angolano Ondjaki se destaca por mobilizar a infância como categoria estética e política, transformando o olhar infantil em forma de resistência simbólica e de construção de sentidos.

[1] Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: margarete.nogueira@unemat.br

A proposta deste texto é discutir a infância como resistência simbólica na obra *Os da Minha Rua* (2021), entendendo-a como espaço de reconstrução da memória coletiva e da afetividade comunitária. A infância, aqui, é concebida não apenas como etapa biológica, mas também como modo de ver, narrar e compreender o mundo. A palavra poética, em Ondjaki, assume o papel de mediadora entre a história e o afeto, entre a memória e a invenção, revelando que lembrar é também resistir. Assim, a literatura torna-se um gesto de preservação das experiências e um exercício de reexistência diante do esquecimento e das violências simbólicas impostas pela história.

Ancorado na linha Leitura, Literatura e Ensino, este estudo busca articular teoria literária, estética e pedagogia, reconhecendo o potencial formativo da literatura africana de língua portuguesa. A leitura de *Os da Minha Rua* oferece a educadores e leitores a possibilidade de ampliar horizontes culturais e afetivos, promovendo uma leitura intercultural e descolonizadora, capaz de reconhecer o outro e valorizar a diversidade. O objetivo principal é analisar de que forma a escrita poética e a oralidade se articulam como instrumentos de resistência simbólica na obra *Os da Minha Rua*, revelando um projeto estético que transforma o simples ato de lembrar em gesto político e educativo.

2 A infância como categoria simbólica e histórica

A infância é uma construção simbólica e cultural que reflete modos de ser e de compreender o mundo. Em *História social da criança e da família*, Philippe Ariès (1981) demonstra que a concepção moderna de infância surge como resultado de transformações sociais e culturais ocorridas na modernidade, quando a criança passa a ser vista como sujeito com voz e identidade própria. A literatura, por sua vez, apropria-se dessa ideia e transforma a infância em lente interpretativa da realidade.

Para Walter Benjamin (2012), a criança é dotada de um olhar inaugural que recupera o espanto e a capacidade de imaginar — qualidades esquecidas pela racionalidade adulta. A infância, nesse sentido, é resistência: resiste ao silêncio, à pressa, à perda da experiência. Já Maurice Halbwachs (2006) compreende a memória como fenômeno coletivo, partilhado socialmente; lembrar é um ato comunitário, e o gesto de rememorar é também um gesto

político. Em Ondjaki, essas ideias convergem na criação de uma voz narrativa que une memória, oralidade e afetividade como fundamentos da resistência simbólica.

A escrita poética de *Os da Minha Rua* revela um narrador infantil que observa o bairro, os vizinhos, a escola e as brincadeiras com sensibilidade e humor. A rua é o espaço simbólico onde se encontram o passado e o presente, o individual e o coletivo, o real e o imaginado. Por meio da linguagem oral e lírica, Ondjaki cria um universo em que as pequenas histórias do cotidiano se tornam expressões de resistência cultural. Assim, a infância deixa de ser apenas um tema e se converte em categoria estética e epistemológica, capaz de revelar as vozes silenciadas e valorizar o comum como lugar de pertencimento e reexistência.

A compreensão da infância como construção social é de grande relevância para a literatura, pois permite analisar como diferentes períodos históricos produzem representações distintas da criança e de seu lugar no mundo. Ao olhar para a obra de autores como Ondjaki, percebe-se que a infância não é apenas uma etapa biológica, mas também um espaço simbólico de resistência, memória e identidade, onde se cruzam afetos, experiências históricas e visões de futuro.

Nesse sentido, ao narrar a infância em Angola pós-independência, Ondjaki atualiza a perspectiva aberta por Ariès (1981): a criança em suas histórias não é um sujeito universal, mas uma figura marcada pelo tempo e pelo espaço — alguém que observa a guerra, a solidariedade comunitária, a escassez e os afetos do bairro a partir de sua posição particular. O "sentimento da infância", que no contexto europeu do século XVII significava proteção e centralidade no seio da família, assume em Ondjaki um caráter político e cultural, onde a memória da criança se torna forma de compreender a nação.

A obra de Ariès (1981), desta feita, funda um olhar histórico sobre a infância, bem como oferece ferramentas para compreendê-la como categoria estética e política. É essa chave de leitura que sustenta a análise aqui proposta: a infância, em Ondjaki, não se limita a tema narrativo, mas constitui-se como estratégia de observação do mundo e de elaboração da memória coletiva.

Ao tomar esse referencial como base, percebe-se que a literatura, especialmente na produção contemporânea africana, resgata a infância como um espaço de significação da experiência coletiva. Em Ondjaki, por exemplo, a infância não aparece apenas como

lembrança pessoal, mas como lugar de observação crítica da Angola pós-colonial. Em *Os da Minha Rua* (2021), o menino-narrador ressignifica o espaço urbano da rua por meio de uma linguagem carregada de oralidade e afeto, transformando o cotidiano em memória partilhada. Essa perspectiva se aproxima da análise de Ariès (1981) ao revelar que a infância é construída a partir de práticas sociais, de interações e de representações — não um estado natural, mas um campo simbólico que se constitui no tempo.

Além disso, se em Ariès (1981) a infância ganha visibilidade ao se tornar central na família moderna, em Ondjaki ela se amplia ao nível da comunidade, da rua e do bairro, funcionando como núcleo de pertencimento e identidade. O narrador-menino observa o mundo dos adultos com ingenuidade e sagacidade, denunciando contradições políticas e sociais enquanto preserva o lirismo da experiência infantil. Dessa forma, a literatura de Ondjaki atualiza o debate iniciado por Ariès (1981), mostrando que a infância continua a ser lugar de disputas, afetos e significações — agora em diálogo com o contexto angolano pós-independência.

Essa leitura é fundamental para romper com perspectivas essencialistas e biologizantes que ainda persistem na educação contemporânea. Entender a infância como produto de práticas culturais e discursivas implica reconhecer que ela varia de acordo com o tempo, o espaço e as condições materiais e simbólicas que a produzem.

No Brasil, autores como Manuel Jacinto Sarmento (2003) e Miriam Abramovay e Maria Arlete Santos (2005) reforçam essa perspectiva ao enfatizar a pluralidade das infâncias. Para Sarmento (2003), a infância deve ser entendida como uma categoria relacional, ou seja, construída nas relações intergeracionais, nas políticas públicas, nas práticas institucionais e nas representações midiáticas. Crianças não são apenas destinatárias da cultura: são produtoras de significados, experiências e saberes.

Abramovay e Santos (2005), por sua vez, destacam as desigualdades que atravessam as infâncias brasileiras. Em um país marcado por profundas disparidades sociais, é preciso reconhecer que muitas crianças vivem infâncias de exclusão, trabalho precoce, violência e abandono, o que desafia os ideais normativos de proteção e cuidado. Assim, trabalhar com a infância na educação e na literatura exige sensibilidade às múltiplas realidades e uma postura ética de escuta e valorização da diferença.

A literatura se apresenta como um território privilegiado para o reconhecimento da infância como experiência estética e formativa. Ao narrar o mundo pelo ponto de vista das crianças, muitas obras literárias contemporâneas constroem um olhar sensível, afetivo e crítico sobre a realidade. O universo infantil, frequentemente marginalizado na história oficial, ganha voz e protagonismo nas narrativas literárias.

Um exemplo significativo do dito é *Os da Minha Rua*, de Ondjaki, na qual a infância é tratada como experiência em si mesma, e não como preparação para a vida adulta, — plena de sentidos, descobertas e modos próprios de compreender o mundo. O autor cria um narrador-menino que observa a rua, a escola, a família e os vizinhos com uma mistura de ingenuidade e sagacidade. A linguagem, marcada pela oralidade espontânea e autenticidade infantil, afetividade e memória, revela uma infância vivida em Angola, mas com traços universais de humanidade e imaginação. Essa perspectiva se evidencia quando, no conto "O voo do Jika", o narrador-menino responde ao pedido do amigo de maneira natural e coloquial: "— Hoje num queres me convidar pra almoçar na tua casa? — Deixinda ir perguntar à minha mãe." Essa expressão, "Deixinda ir perguntar à minha mãe" (Ondjaki, 2021, p. 17), evidencia a oralidade genuína da fala infantil, incorporando regionalismos que aproximam o leitor da infância representada.

Em outra passagem, agora no conto "A televisão mais bonita do mundo", o encantamento sensorial e imagético é visto quando o narrador exprime seu espanto ao ver pela primeira vez uma televisão em cores: "Não consegui ficar calado e disse bem alto: "Chéeeeeee, essa televisão é bem esculú!" (Ondjaki, 2021, p. 25), e todos riram do meu espanto assim sincero: era a primeira televisão em cores que eu via na minha vida". A palavra "esculú" (vernacularismo angolano que significa "muito bom, maravilhoso") e o tom genuíno do menino revelam o olhar sensorial da infância — de percepção pura e descoberta — alinhando-se à ideia de infância como experiência por si só, plena de sentido. Trata-se de uma linguagem afetiva, rica em sensações e subjetividade, que ressignifica o cotidiano e constrói um universo próprio de significados. A criança-narradora, portanto, atribui sentido ao mundo por meio da escuta e da imaginação, tornando a infância, nas palavras do próprio autor, um tempo em que "o antigamente já fica lá longe" (Ondjaki, 2021, p. 73), marcando a memória como espaço de permanência e transformação.

Esses excertos destacam a oralidade autêntica como traço identitário da infância narrativa. Retratam, ainda, a descrição sensorial espontânea, que mostra a criança como sujeito ativo da experiência, bem como, apoiam a leitura que trata a infância não como etapa preparatória, mas como momento de construção subjetiva e sensível.

Nesse sentido, compreender a infância como uma construção histórica e simbólica é essencial para a elaboração de práticas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas. No ensino da literatura, isso se traduz na valorização de obras que deem voz às crianças, respeitem seus modos de ver e sentir o mundo, e dialoguem com suas realidades culturais.

Autores como Rildo Cosson (2021) e Teresa Colomer (2003) defendem que a formação do leitor literário deve envolver não apenas a análise formal dos textos, mas também o estímulo à escuta da subjetividade do aluno. A leitura literária na escola precisa ser um espaço de encontro entre a obra e a experiência do leitor, permitindo que a infância seja reconhecida como território de produção simbólica, e não como ausência de saber.

Dessa forma, a infância, compreendida como construção simbólica e relacional, torna-se não apenas um tema literário, mas também uma chave hermenêutica para a leitura da cultura e da sociedade. Em *Os da Minha Rua*, o olhar infantil configura-se como uma lente por meio da qual o autor revisita a história angolana, filtrando-a pela sensibilidade do afeto e pela poética da oralidade. Essa opção estética faz da literatura um espaço de resistência simbólica, pois desloca o foco das grandes narrativas históricas para o cotidiano, para as vozes pequenas e para os gestos aparentemente simples que, no entanto, revelam profundas dimensões de humanidade e pertença.

A infância, nesse sentido, é também uma pedagogia — uma forma de ensinar pela delicadeza, pela curiosidade e pela escuta. Ao narrar o mundo pelo olhar da criança, Ondjaki nos convida a reaprender a ver, a ouvir e a sentir, restituindo à palavra seu poder de encantamento e de transformação. Essa dimensão educativa ultrapassa a sala de aula e alcança a própria função social da literatura: formar leitores capazes de se reconhecerem no outro e de reconhecerem no texto literário um espelho da experiência humana.

Assim, a leitura literária, ao se debruçar sobre obras como *Os da Minha Rua*, pode favorecer o exercício da empatia e da alteridade, pilares de uma educação humanizadora e anticolonial. A literatura angolana, ao entrelaçar memória, imaginação e oralidade, desafia os modelos hegemônicos de leitura e amplia as possibilidades de representação da infância

e da identidade. Ao aproximar os leitores brasileiros dessa produção, constrói-se uma ponte simbólica entre culturas, consolidando a ideia de que a literatura é também um ato de resistência, diálogo e partilha.

Por fim, a compreensão da infância como categoria simbólica e estética em Ondjaki permite reconhecer que a formação do leitor passa pela redescoberta do sensível. O gesto de narrar e o gesto de ler se encontram nesse espaço de afetividade e memória, onde o texto literário informa, bem como forma — ensina a sentir, a imaginar e a resistir. Desse modo, a infância deixa de ser o passado a ser superado e torna-se o horizonte de uma educação literária que aposta na sensibilidade, na pluralidade e na potência da palavra poética como caminho de formação humana.

3 A poética da resistência em *Os da Minha Rua*: infância, memória e oralidade

A literatura de Ondjaki é marcada por uma linguagem que transforma o cotidiano em matéria poética. Em *Os da Minha Rua*, o narrador reconstrói o bairro de Luanda por meio de lembranças que misturam afeto, humor e melancolia. O texto é tecido por um ritmo oral que lembra as conversas de quintal e as histórias contadas pelas avós. Essa oralidade confere à obra um caráter coletivo e comunitário, aproximando o leitor da tradição africana de narrar para preservar a memória e afirmar a identidade.

O conto "O voo do Jika", primeiro de *Os da Minha Rua* (2021), exemplifica de modo expressivo a linguagem poética e a dimensão afetiva que caracterizam a escrita de Ondjaki. A narrativa transforma o cotidiano em matéria literária, revelando que os gestos simples — como o convite para o almoço, o diálogo entre amigos e a brincadeira de voar com um guarda-chuva — podem adquirir densidade simbólica e poética. O autor, por meio da voz do narrador infantil, reconstrói o bairro de Luanda com delicadeza e lirismo, compondo um retrato de infância em que o olhar do menino se abre para o mundo com curiosidade, humor e ternura. O episódio em que Ndalu e Jika tentam "voar" da varanda expressa o caráter imaginativo e libertador da infância, momento em que a brincadeira se converte em experiência estética e em metáfora do sonho. O tom sensível do narrador se revela especialmente quando afirma: "A infância é uma coisa assim bonita: caímos juntos na relva, magoamo-nos um bocadinho, mas sobretudo rimos" (Ondjaki, 2021, p. 19). Nesse

fragmento, a simplicidade do vocabulário e o ritmo pausado da frase constroem uma cadência poética que faz da memória um espaço de beleza e de aprendizado.

A oralidade é outro elemento fundamental na composição do conto, que aproxima o leitor da tradição africana de narrar para preservar a memória e afirmar a identidade. As expressões coloquiais — "Mô Jika, comé", "num queres", "calma só" (Ondjaki, 2021, p. 17) — revelam a musicalidade da fala cotidiana, conferindo à narrativa um tom de conversa entre vizinhos e amigos. Essa presença da oralidade não é mero recurso estilístico, mas forma de resistência cultural que reafirma o pertencimento comunitário e valoriza os modos de dizer do povo angolano. A voz do narrador, próxima da linguagem falada, reproduz o ritmo da vida no bairro e cria uma atmosfera de partilha e cumplicidade, em que o leitor é convidado a participar das memórias e afetos do grupo. Ao recuperar esse modo de narrar, Ondjaki inscreve na literatura a força de uma memória coletiva, sustentada pela palavra viva e pela experiência compartilhada.

No plano temático, o conto apresenta a infância como espaço de afetividade, solidariedade e formação ética. A relação entre Ndalu e Jika é construída sobre gestos de cuidado e acolhimento, como se observa no episódio em que o menino é convidado a almoçar na casa do amigo. O diálogo entre a mãe e o garoto explicita uma pedagogia do afeto e da coletividade: "Sozinho, bebes na tua casa - Aqui divide-se" (Ondjaki, 2021, p. 19). Essa fala, simples e firme, traduz a ética comunitária que atravessa a narrativa, reafirmando valores de generosidade e partilha. A casa, nesse contexto, representa não apenas um espaço físico, mas também um território simbólico de aprendizado e convivência, onde se ensina pela palavra e pelo exemplo.

A lembrança do "voo" e do almoço partilhado adquire, no discurso do narrador adulto, o sentido de resistência simbólica. Ao recontar o episódio, ele transforma a memória em ato poético e político, reafirmando a importância de preservar o que o tempo poderia apagar: a inocência, o riso e a alegria da infância. O gesto de lembrar, portanto, constitui um modo de reexistência, em que a narrativa se torna instrumento de preservação da sensibilidade e da humanidade. "O voo de Jika", impossível e imaginário, simboliza a força da imaginação diante das limitações impostas pela realidade, configurando-se como metáfora da liberdade e da esperança.

Assim, “O voo do Jika” corrobora a ideia de que, na literatura de Ondjaki, o cotidiano é poeticamente ressignificado, a oralidade é veículo de identidade e pertencimento, e a infância se manifesta como território de afeto e resistência. O autor faz da simplicidade uma forma de expressão estética e da memória um gesto de permanência cultural. A narrativa demonstra que, por meio da palavra, é possível reconstruir o humano e afirmar a potência transformadora da infância como modo de ver e compreender o mundo.

Esses fragmentos de “O voo do Jika” anunciam a tonalidade sensível da narrativa: a rua é o espaço da memória e da partilha. A cadência das frases curtas, a musicalidade das repetições e o foco no sensorial revelam a presença da oralidade e transformam o texto em uma espécie de canção da lembrança. A rua representa a infância coletiva — um microcosmo da Angola pós-independência —, em que o cotidiano se torna metáfora de resistência e de reconstrução da vida.

Em meio à precariedade material e às marcas da guerra, o bairro torna-se símbolo de permanência, lugar onde a memória se ancora no gesto de viver e conviver. Como observa Walter Benjamin (2012), a narração é a forma mais antiga de comunicação humana, e é justamente essa herança narrativa que Ondjaki recupera, fazendo da palavra o elo entre o vivido e o imaginado.

No conto, a oralidade aparece como herança cultural e forma de transmissão de saberes. O narrador recupera a figura do contador de histórias, o griot da tradição africana, que preserva a história da comunidade por meio da palavra falada. A narração, nesse contexto, é resistência simbólica: uma maneira de perpetuar experiências que, de outro modo, seriam apagadas pela história oficial. O ato de lembrar torna-se, aqui, uma forma de resistência ao esquecimento e uma pedagogia do afeto. Como afirma Maurice Halbwachs (2006), a memória é sempre coletiva, e sua força reside na partilha. Assim, ao narrar, a criança-narradora reinscreve a experiência no corpo social da comunidade, transformando o individual em coletivo e o íntimo em símbolo de pertencimento.

A prosa de Ondjaki, marcada por humor, leveza e musicalidade, configura uma estética da resistência que se opõe à lógica do trauma e da melancolia. A infância é, em sua literatura, o lugar do riso, do espanto e da reinvenção. O autor utiliza a ingenuidade da voz infantil para denunciar desigualdades, evidenciar contradições e celebrar a alegria como força vital. Essa poética aproxima-se da ideia benjaminiana de Erfahrung — a experiência

que se transmite pelo relato e que carrega em si a sabedoria coletiva. O narrador-menino de *Os da Minha Rua* não revive suas memórias, bem como as reinventa em forma de poesia, transformando o passado em presente narrativo.

Essa relação entre memória e oralidade também tem função política. Ao privilegiar a voz da criança, Ondjaki desloca o olhar tradicional sobre a história angolana e questiona as formas dominantes de poder e de representação. A infância torna-se uma estratégia estética que humaniza a história e ressignifica o espaço urbano como território simbólico. A rua — lugar de encontros, jogos e afetos — torna-se espaço de resistência ao caos e à perda.

A poética de *Os da Minha Rua* funda-se, portanto, na palavra que lembra, na palavra que ensina e na palavra que cura. A lembrança é apresentada como gesto ético e educativo: um modo de reconstruir a história pelas vias da imaginação e do sentimento. Como explica Benjamin (2012, p. 205), "contar histórias é sempre contar de novo o mundo". Ondjaki faz exatamente isso: reconstrói a Angola pós-colonial através da pureza da infância, fazendo da memória um instrumento de reconstrução simbólica.

Ao narrar as pequenas histórias da rua, o autor constrói uma poética que humaniza, emancipa e educa, porque devolve à literatura seu poder originário: o de transmitir experiência. Sua escrita, de lirismo simples e profundo, reafirma que a infância é o território da resistência — não pela força, mas pela ternura; não pela denúncia direta, mas pela sutileza do olhar que, ao relembrar, transforma o vivido em arte e o cotidiano em gesto político.

4 Leitura literária e formação do leitor: a infância como mediação pedagógica

A leitura literária, no contexto do ensino, é espaço de formação humana e crítica. Para Antonio Candido (2011), a literatura tem função humanizadora, pois desperta a empatia e amplia a compreensão do outro. Rildo Cosson (2021) reforça essa perspectiva ao defender o letramento literário como prática social e estética que transforma a leitura em experiência. Ao propor a leitura de *Os da Minha Rua* em sala de aula, o professor promove o encontro entre culturas e infâncias, estimulando a escuta sensível e a formação ética do leitor.

A escrita de Ondjaki, permeada pela oralidade e pela afetividade, oferece aos estudantes brasileiros uma oportunidade de leitura intercultural e antirracista. O texto possibilita o diálogo entre o passado angolano e o presente brasileiro, contribuindo para a

aplicação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana (Brasil, 2003). Assim, *Os da Minha Rua* transforma-se em ferramenta pedagógica de resistência e valorização da diversidade.

A infância, enquanto categoria simbólica, constitui uma mediação potente para o ensino da literatura: ler o mundo a partir da criança é aprender a reconhecer o sensível, a solidariedade e o valor do cotidiano. Ao trazer essa perspectiva para o ambiente escolar, o texto de Ondjaki convida o leitor a resistir à indiferença e a reconstruir o sentido do humano.

5 Considerações Finais

A literatura de Ondjaki demonstra que lembrar é um ato de resistência. Em *Os da Minha Rua*, o autor transforma a memória em matéria poética e faz da infância um território simbólico de esperança. Sua escrita, marcada pela oralidade e pelo lirismo, une o individual ao coletivo, a memória ao sonho, o riso à reflexão. Através da simplicidade das pequenas histórias, o autor constrói uma poética que humaniza e educa pela sensibilidade.

Com base nos aportes teóricos de Ariès (1981), Benjamin (2012), Halbwachs (2006), Cosson (2021) e Candido (2011), conclui-se que a infância, em Ondjaki, é mais do que uma fase da vida — é uma forma de conhecimento, uma epistemologia da ternura e da resistência. O narrador infantil, com sua voz afetiva, reconstitui a memória de uma comunidade e revela a potência educativa da literatura.

Assim, este estudo reafirma que a leitura literária, quando mediada de forma crítica e sensível, contribui para a formação de leitores empáticos e conscientes da pluralidade cultural. Ondjaki nos ensina que a infância, em sua leveza e coragem, é um modo de resistir — e que a literatura é, antes de tudo, um gesto de amor e de permanência da memória.

Referências

ABRAMOVAY, M.; SANTOS, M. A. D. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2005.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 28 out. 2025.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**: teoria e prática. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2021.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

ONDJAKI. **Os da Minha Rua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância e a escolarização: desafios para a sociologia da infância. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, n. 84, p. 131-152, 2003.